

MAFALDA
SANTOS

DO
OUTRO
LADO

«Mafalda Santos adverte, a partir da ficção,
que algo está em movimento e é perturbador.»

PILAR DEL RÍO



Este livro é dedicado à minha mãe.

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome,
essa coisa é o que somos.

JOSÉ SARAMAGO, *Ensaio sobre a Cegueira*

Prefácio

Distopia e amor na mesma história, num coração ansioso que, ao procurar, encontra e é capaz da mais alta generosidade.

Os protagonistas desta história, em que a razão científica se impõe, sem códigos nem compaixão, têm nome. Ela é a Sara, ele é o Gabriel. Não é uma história comum, não poderia ser: se cada amor tem as suas próprias vivências e heroísmos, os dos homens e mulheres que habitam este livro requerem muita sabedoria e paciência. Viver nunca é fácil, muito menos numa distopia em que a vida quotidiana se mistura com o anteriormente inimaginável. Que porvir terão as paixões humanas nesse novo futuro? Mafalda Santos conta-o com agilidade, fala ao ouvido daqueles que a querem ler, adverte, a partir da ficção, que algo está em movimento e é perturbador.

«Não somos cegos», parece dizer este *Do outro lado*, assinado pela escritora Mafalda Santos com confiança e voz própria. Bem-vinda.

Pilar del Río

1

Teria sido decerto um sonho, pois prova alguma conseguia encontrar de que aquilo de facto acontecera. No entanto, por muitos dias que passassem, não conseguia acalmar o seu espírito e aplacar aquele estado de inquietação permanente.

Era horrível. Simplesmente horrível. Admiti-lo por fim era como aceitar que o mundo se abrisse sob os seus pés para o engolir. Temia estar a perder o juízo. Como poderia um sonho parecer tão real e deixar marcas tão fundas? Como poderia a memória vívida dos beijos ardentes que trocara com ela e das noites que passara a vê-la dormir, enternecido pela sua beleza, não ser mais do que a sensação fantasiosa deixada por um sonho?

Sara.

Procurara-a em desespero durante dias, mas nada parecia fazer sentido. Tentara encontrá-la em casa, mas a morada simplesmente não existia. Entenda-se que não era apenas a casa a não existir, mas também a rua e todo o quarteirão, que pareciam ter-se evaporado.

Percorrendo os mesmos caminhos ia dar a uma zona habitacional diferente, com prédios em vez das casas térreas e com estacionamento em vez da praceta com árvores, o parque infantil e aquele banco de madeira onde se sentara na primeira noite, com o peito a explodir de euforia.

Naquela manhã, sentia-se particularmente nervoso. Não conseguia desviar a atenção do dispensador de água que pingava ritmadamente ou da musiquinha irritante que tocava de cada vez que o homem sentado ao seu lado recebia uma mensagem.

Tinha começado a mascar pastilha, um hábito que antes considerava abominável e do qual agora não se conseguia livrar.

Focar toda a sua atenção naquele movimento de maxilar ajudava-o a controlar os nervos.

Tirou do bolso um pequeno livro, *As Neves de Kilimanjaro*; há vários dias que andava com ele, mas não conseguia passar da primeira página. A mínima referência contida numa palavra escrita fazia-o pensar em Sara, e a leitura ficava por aí.

Respirou fundo, olhando a fotografia na capa. O improvável Kilimanjaro, outrora vulcão e hoje monte com o seu pico coberto de neve. Como desejava poder estar ali, meu Deus. Nova tentativa. O seu objectivo era somente virar a página, ler, compreender o que tinha lido e virar a página. Mas a verdade é que ao estabelecer este plano já estava, por si só, a boicotar o objectivo. As lembranças percorriam-lhe a imaginação à velocidade de mil *frames* por segundo, e mais o *ping ping ping* obstinado da máquina da água e o *ti-ri-ri-ti* das mensagens do tipo do lado, tudo, tudo, tudo a bombardear-lhe a cabeça.

Sentia-se uma bomba-relógio, prestes a rebentar a qualquer instante, atirando pelos ares com a mesinha de centro carregada de revistas cor-de-rosa.

Ia acontecer, não tinha mesmo como o evitar. Um grito mudo borbulhava dentro dele, como lava incandescente, instantes antes de ser expelida pelo vulcão furioso.

Fosse como fosse, não estava ali a fazer nada. Era óbvio que aquilo não estava a resultar. Sim, ia levantar-se, gritar bem alto que fossem todos para o caralho, partir aquela merda toda e sair.

— Senhor Gabriel Portal, pode entrar. A doutora está à sua espera — disse monocordicamente a recepcionista, sem tirar os olhos do computador.

Era uma criatura roliça, nem feia nem bonita, e incapaz de transmitir qualquer tipo de empatia. Usava sempre um batom escuro que não a favorecia e tresandava a perfume barato.

Gabriel levantou-se, vergando-se interiormente à humilhação de não ter sido capaz de fazer nada daquilo que imaginara.

Bateu à porta do consultório.

— Com licença, doutora Margarida. Posso entrar?

— Faça favor, Gabriel. Sente-se.

— Bom dia.

— Bom dia, Gabriel.

A psiquiatra sorria. Devia ter uns sessenta anos e era uma mulher bastante atraente. Vestia-se de forma sóbria e elegante e era daquelas pessoas que transmitem confiança ainda antes de abrir a boca. Exalava segurança e tranquilidade. A doutora Margarida. Fora-lhe recomendada pelo seu melhor amigo, e Gabriel reconhecia que se tratava de uma excelente profissional. A melhor. Ele é que não deveria estar ali.

Estar ali a perder tempo em vez de andar lá fora, à procura da sua Sara. Ela estava lá fora, algures, talvez presa, talvez a sofrer e a perguntar-se porque não viera ele em seu auxílio.

Este pensamento esmagava-o. Quando surgia, demorava horas a ver-se livre dele. Depois o conflito. Era um homem da ciência, um biólogo. E sabia que existiam inúmeros tipos de perturbações mentais que encaixavam como uma luva naqueles sintomas. Delírios. Não. Havia decerto uma explicação lógica para tudo aquilo. Quando a encontrasse, ia esfregá-la na cara dos amigos, da família, da doutora Margarida e de todos os que o tentaram convencer de que estava louco.

Ninguém está bem num dia e acorda louco no seguinte.

— Está confortável aí, Gabriel? — perguntou a psiquiatra, rompendo o silêncio.

— Sim, estou.

— Interessante... não se costuma sentar nessa cadeira.

— Mas tem mal?

— Não tem mal nenhum. Senta-se onde quiser — respondeu serenamente a psiquiatra. — Como se tem sentido?

— Melhor...

— Não voltou a desmaiar?

— Foi só daquela vez.

— Fez o trabalho de casa que lhe pedi?

— Não... Não percebi a utilidade — respondeu Gabriel, secamente.

— Tem de confiar em mim, Gabriel... devia ter feito porque eu lhe pedi e o Gabriel disse que faria...

— Não ia escrever nada que já não lhe tenha contado... A história é só uma! Quinze dias da minha vida. Contei-lhe tudo ao pormenor. Tudo! Não sei que mais quer de mim!

— Eu sei, Gabriel, eu sei que contou... Mas, quando escrevemos, a nossa memória é activada de outra forma. Acredito que talvez fosse muito produtivo escrever o diário de cada um desses dias. Acredito que, ao escrever, irá compreender que certas memórias não são tão concretas como quando as conta.

Gabriel baixou a cabeça e olhou as mãos, pousadas nos joelhos. Era-lhe indiferente. Era-lhe tudo indiferente.

— Faço esta semana.

— Obrigada. Tem tomado a medicação correctamente? É muito importante que não falhe.

— Tenho feito tudo como mandou.

Uma bátega forte começou a cair lá fora. Pela janela do consultório via-se a cidade inteira. Gabriel levantou-se e, olhando o indefinido, disse:

— É um privilégio ter uma vista assim. *Quanto mais alto se sobe, mais longe é o horizonte.*

Gabriel sentiu um arrepio, uma quase trepidação interna. Recuou, confuso.

— Que frase tão bonita, Gabriel... muito poética.

— Queria só dizer que se vê a cidade toda. Não sei porque disse aquilo daquela maneira. Ouça, doutora, não posso continuar nesta angústia. Estou nisto há meses...

— E já viu os progressos que fez?

— Acha que fiz progressos, doutora?

— Muitos. Quando aqui chegou, o Gabriel nem aceitava a possibilidade de a Sara não existir, de tudo ter passado de um episódio psicótico... estava violento...

— Foram os melhores dias da minha vida, doutora. É devastador aceitar que não aconteceram...

Grossas lágrimas corriam agora pelo rosto de Gabriel e as mãos tremiam-lhe.

— Se os exames tivessem mostrado algum tumor na cabeça, penso que teria ficado aliviado.

— Sente mesmo isso?

— Sinto — disse, derrotado. — Haveria uma explicação para isto. Poderia culpar o tumor pela minha loucura. E então a Sara deixaria de se chamar Sara, e a rua dela deixaria de ser uma rua... passaria tudo a chamar-se tumor. Mas, como não tenho nada, tudo fica na mesma. Esta memória física, esta certeza absoluta.

— Gabriel, já tivemos esta conversa. A psicose é um transtorno psiquiátrico real. Os sintomas são alucinações, delírios, confusão mental, perda de memória, comportamentos bizarros... Garanto-lhe que ninguém está livre de, no decurso da vida, ter um episódio psicótico. O cérebro é uma máquina altamente complexa e da qual sabemos ainda muito pouco. Estas coisas podem acontecer. Eu acredito que o Gabriel, sem o saber, estava deprimido há muito tempo... e isso, aliado ao *stress* e ao cansaço do seu trabalho, pode ter esplotado esta situação.

— Talvez — disse Gabriel, voltando-se novamente para a janela.

A chuva parara de cair e do céu cinzento um raio de sol despontava, como uma lança rompendo a frágil membrana que separa os mundos.

2

Os vidros partidos da janela grande da sala deixavam entrar o frio cortante daquele fim de manhã. Era preciso andar de casaco e de cabeça tapada dentro de casa, mas ninguém se atrevia a um queixume. Havia quem tivesse ficado sem casa, havia quem tivesse perdido a vida a tentar comprar um pão.

Até àquele momento as casas na colina tinham escapado à destruição. Talvez por estarem no ponto mais alto e afastado da cidade, talvez porque não compensasse atacar um bairro onde não viviam mais de cinquenta pessoas, ou talvez porque simplesmente ainda não chegara a hora que para ali estava marcada.

No entanto, aquela posição estratégica trazia consigo a inquietante visão da cidade inteira. Outrora fabulosa e hoje despedaçada. O miradouro da tragédia.

Era incrível já ter passado um ano desde as primeiras notícias sobre o vírus. A passagem da normalidade ao caos fora tão rápida que não dera tempo às pessoas para se ajustarem.

Um vírus novo, uma partícula microscópica de desconhecido, e a comunidade científica ficara às aranhas.

O mundo em colapso. Leis de confinamento e recolher obrigatório, distanciamento social e teletrabalho, máscaras em todos os locais públicos, e, mesmo assim, mais de três milhões de mortos só nos primeiros dois meses.

Por todo o planeta multiplicaram-se as políticas para salvar as populações da doença, mas também da miséria que o desemprego trazia.

Milhares de empresas, restaurantes, lojas de pequeno e grande comércio faliram em menos de seis meses e esta foi a estocada final para que tudo se desmoronasse.

Com os bens de primeira necessidade a escassearem, os militares ficaram responsáveis pela sua distribuição e salvaguarda, o que se revelou um poder demasiado grande e repentino. De toda a parte chegavam notícias sobre a corrupção abjeta dos soldados e oficiais. Velhos que pagavam bolachas e medicamentos com as jóias da família, mulheres forçadas a actos sexuais em troca de garrações de água, e as impensáveis apostas em lutas entre crianças que lhes apareciam com as senhas para o leite e a farinha.

Se foi somente a fome e o desespero a provocá-la ou se estas situações também contribuíram para a revolta, ninguém saberá dizer. O que é certo é que em menos de nada rebentou a mais anárquica guerra civil que imaginar se possa.

Todas as noites, hipermercados e farmácias eram atacados à bomba e esventrados. Por toda a cidade, grupos de civis armados patrulhavam as ruas e envolviam-se em violentas escaramuças pela gasolina que roubavam dos milhares de carros parados.

Tinha passado um ano, mas mais parecia uma hora ou um século.

Lá em baixo, disformes montanhas de entulho tinham substituído grande parte dos prédios e havia no ar uma permanente cortina de pó branco, que, vista de cima da colina, dava à cidade um ar fantasmagórico.

Gigantescos tanques de guerra moviam-se lentamente por entre os escombros, sem destino e sem sentido. A maior parte dos bairros estava há semanas sem electricidade e começavam a chegar relatos de zonas onde a água fora cortada. Ao longe, ouviam-se tiros e rebentamentos.

Sentada no banco de madeira, na praceta frente à casa, Sara observava duas crianças a brincar. Um rapaz e uma rapariga, irmãos

com quatro e cinco anos. Brincavam com a mesma alegria de sempre, imunes à brutal realidade que os rodeava.

Desde o aparecimento do vírus, tudo estava diferente no Bairro do topo da colina. Os vizinhos, conhecidos de uma vida inteira, olhavam-se com desconfiança quando se cruzavam em silêncio.

A comida estava a acabar e com ela o sentimento de solidariedade que se tinha sentido nas primeiras semanas.

Os alimentos do supermercado do Bairro haviam sido distribuídos por todos de forma igual, mas, passados aqueles meses, levantavam-se vozes dizendo que quem tinha crianças pequenas deveria ter recebido menos, assim como quem era velho ou doente...

Sara sentia que algo de terrível estava prestes a acontecer. Ela própria tinha começado a ser olhada com rancor, pois logo no primeiro dia de bombardeamentos trouxera para casa três estranhos, feridos e perdidos, que conhecera na cidade.

Eram mais três bocas para alimentar com os recursos do Bairro e essa ideia, que de início foi aceite com tranquilidade por todos, era agora vista com um enorme ressentimento.

Na tarde em que rebentou a guerra, Sara tinha descido à cidade. Há dois dias que Gabriel não aparecia. Fora a casa buscar algumas roupas e nunca mais voltara. Quando lhe ligava, a voz gravada da operadora surgia a dizer que aquele número não estava atribuído.

Ele não chegara a dizer-lhe a sua morada, por isso ela não sabia onde procurar. Tinha-lhe dito que era biólogo e que dava aulas numa universidade. Por isso, nesse dia, Sara percorreu todas as universidades que conhecia, mas em todas obtivera a mesma resposta: «Não temos nenhum professor ou funcionário com esse nome.»

Seria possível que ele fosse tão mesquinho e cobarde a ponto de a enganar e deixar assim? Mas logo depois ria-se afastando o absurdo daqueles pensamentos. Não. Era impossível. A ligação que os unia era grande de mais, um amor desmesurado, sem princípio nem fim. Ela soube-o no instante em que ele surgiu como um anjo

e lhe salvou vida, fazendo-a descer do beiral da ponte de onde se preparava para saltar, mergulhando para sempre na escuridão.

O mais provável é que tivesse sido preso. Sabia-se agora que os militares tinham começado, clandestinamente, a fazer prisioneiros vários dias antes de a guerra começar. Presos políticos, jornalistas, escritores... Era perfeitamente possível que um intelectual como Gabriel estivesse envolvido num movimento subversivo... Sim, isso explicava tudo. O telefone desligado, um nome falso dado na universidade...

Gabriel.

Sara lamentava não terem falado mais, não terem feito perguntas um ao outro. Mas a verdade é que ao longo daqueles dias nunca sentiram a necessidade de perguntar o que quer que fosse. Tudo o que interessava saber estava ali, à flor da pele, e todas as perguntas do universo eram respondidas quando eles se tocavam. Era um amor que não cabia dentro da palavra amor, algo tão inexplicavelmente forte e absoluto que tornava patética qualquer questão mundana.

Tinham sido separados pela guerra e voltariam a ficar juntos quando terminasse.

— Sara! — chamou uma das crianças.

Sara fitava a cidade, hipnotizada pela estranha dança que as nuvens de pó branco, empurradas pelo vento, faziam no céu. Tinha trinta e cinco anos, e uma figura pequena, mas não frágil. A pele clara contrastava com o cabelo castanho-escuro, volumoso, que usava, quase sempre, apanhado em rabo-de-cavalo. Tinha uma beleza intemporal, que não deixava ninguém indiferente. Os olhos eram verdes, da cor que certas folhas secas atingem no Outono, e uma expressão geralmente triste.

— Sara! — gritaram os dois irmãos em coro. — Olha o teu amigo!

Sara virou-se para trás e viu Rui a aproximar-se a passos rápidos, com um sorriso largo na cara. Também ele tinha algo de infantil, e Sara, secretamente, invejava-o por isso. Era um optimista por

natureza, sempre com uma palavra alegre para dizer e por muito grave que fosse uma situação conseguia sempre ver algo de positivo.

— Sara! Aqui estás tu! — disse Rui, animadamente. — Tens de vir já para casa. A Clara conseguiu fazer um bolo só com um ovo, dois pacotes de açúcar e um resto de farinha velha que tinhas na despensa. Tens de o comer já, enquanto está quente, que aquilo quando arrefecer vai ficar duro como pedra.

— Mas porque é que a Clara insiste em fazer bolos?... Saem-lhe todos mal!... — disse Sara, levantando-se.

— Sei lá. Diz que é catártico — respondeu Rui, seriamente. Depois desataram os dois a rir e entraram em casa.

Ao fundo do corredor, numa cozinha forrada a azulejos com flores e passarinhos pintados, Clara chorava convulsivamente nos braços de Tiago, que tentava acalmá-la. Quando Rui e Sara se aproximaram, viram que Tiago tinha um enorme lenho na testa, que sangrava profusamente.

— Que aconteceu? — perguntou Sara, aflita.

— Isto vai continuar... E vai ser cada vez pior — disse Clara, chorando descontroladamente. — Primeiro, foi a janela, agora isto!

— Quem foi? — perguntou Sara.

— Não sei.... Tinham a cara tapada — respondeu Tiago, pressionando a ferida.

— A cara tapada?! — perguntou Sara, horrorizada. — Quantos eram?

— Quatro. Rodearam-me.... tinham sacos com pedras... tinham aquilo preparado...

— Meu Deus... — balbuciou Sara.

Clara chorava cada vez mais.

— Só pararam porque a velhota da casa azul apareceu e começou aos gritos. Senão tenho a certeza de que me matavam ali.

— Não pode ser... — disse Sara. — Eu vou falar com eles. Conhecem-me desde que nasci, conheciam os meus pais...

— Não vais fazer nada disso — disse Rui, gravemente.

Os olhos de Sara encheram-se de lágrimas. Naqueles meses todos, nunca tinha ouvido Rui falar assim. Ele, que nunca perdia a esperança.

— Agora trata-se de sobrevivência e nada mais — continuou Rui. — A comida enlatada está prestes a acabar e o que as hortas dão não é suficiente para todos. Estão apenas a proteger as famílias. Não os podemos levar a mal. Estão desesperados.

— Mas assim não podemos ficar. É preciso fazer alguma coisa — interrompeu Sara.

— Sim, vamos fazer. Eu, a Clara e o Tiago vamos hoje embora. Estamos a colocar-te em perigo se não formos.

— Estás louco, Rui? E vamos para onde? — inquiriu Clara, desesperada. — Fora daqui não há nada! Só morte. Por favor, Sara, não me obrigues a sair. Eu juro que me fecho aqui dentro. Ninguém precisa de saber que ainda aqui estou. Por favor!

— Ouçam, ninguém vai sair desta casa, perceberam? — disse Sara com firmeza. — Estamos juntos. Estamos juntos! — repetiu. — Eu não posso perder mais ninguém.

Nessa noite taparam a janela partida com cobertores, que pregaram à parede e jantaram sopa de batata e abóbora com o bolo que Clara fizera.

Lá fora, a humanidade esboroava-se lentamente. Ao longe ouviam-se tiros e rebentamentos.

3

Um diário de cada um dos dias. Pressionar uma caneta contra o papel e fazer brotar palavras que descrevessem cada segundo com Sara. Seria isso possível? Teria ele vocabulário para enunciar as coisas com o devido peso? E o que poderia ser mais doloroso do que isso?

Era quase noite e Gabriel lutava contra estes pensamentos enquanto esperava pela sua vez, na fila da farmácia. Senha cinquenta e sete. Mais uma leva de comprimidos para a cabeça. Tudo bem, queria lá saber! Tinha de conseguir voltar ao trabalho sem que ninguém percebesse o que se passava com ele.

Pronto, receita aviada. Drogas para mais três meses, um antidepressivo, um antipsicótico e comprimidos para dormir. Paroxetina, Risperidona e Benzodiazepinas. Música para os seus ouvidos. Amanhã ia tentar regressar à universidade.

Caminhava pela rua em passo acelerado, alheado de todos os movimentos em volta. Levava o sobretudo castanho apertado até cima e um cachecol de lã a tapar-lhe a boca, o saco de papel com os medicamentos apertado com força na mão direita. Queria passar por um supermercado, comprar comida, carne, chocolate, vinho... lembrou-se de que havia um na rua ao lado, era melhor comprar já ali, não fosse o perto de casa estar fechado quando chegasse, mas, ao virar a esquina, chocou violentamente contra uma mulher que carregava vários sacos do supermercado. As compras espalharam-se pelo chão, laranjas rolaram para a estrada, uma garrafa de vinho tinto partiu-se, fazendo escorrer o líquido vermelho-escuro pela calçada branca.

— Desculpe! — disseram os dois em uníssono.

— Não a vi, vinha distraído! Magoei-a?

— Não, estou bem, não se preocupe. O vinho é que não pode dizer o mesmo — disse a mulher, sorrindo ironicamente.

— Eu pago-lhe o vinho, não se preocupe — respondeu Gabriel, secamente.

— Eu estava só a meter-me consigo! É sempre tão literal? Onde está o seu sentido de humor, hum?

A mulher começou a apanhar as laranjas e os restantes víveres que tinham caído dos sacos. Tinha trinta e poucos anos e transpirava alegria e sexualidade.

— Vai ficar aí especado a olhar para mim ou vai ajudar-me a apanhar isto?

— Ah... ajudo, claro. Desculpe.

De repente, Gabriel olhou para a mulher e viu que ela tinha na mão uma das suas caixas de antidepressivo. Tinha caído sem que ele desse por isso. Gabriel sentiu novamente o peso da humilhação e, num gesto abrupto, arrancou-lhe a caixa das mãos.

— Não há motivo nenhum para ter vergonha — disse ela.

— Não tenho vergonha, só não gosto que mexam nas minhas coisas.

— Tomei esse comprimido durante muito tempo. Ajudou-me e agora estou bem... não tem mal nenhum.

— Eu nunca disse que tinha... — replicou Gabriel, desarmado.

— O meu nome é Alice — anunciou ela, estendendo-lhe a mão com um sorriso.

— Gabriel.

Pela primeira vez em seis meses, Gabriel sorriu e sentiu alguma coisa. Não sabia o que era, mas era alguma coisa. Tal como uma fogueira aparentemente apagada de onde de repente salta uma fagulha.

— Posso oferecer-lhe um café? — perguntou ele, sem acreditar que o fazia.

— Preferia um copo de vinho... se não for pedir muito... Já que me partiu o que ia beber...

Gabriel riu novamente.

— Vamos a isso, conheço um bar aqui perto.

Nas semanas seguintes, Gabriel e Alice encontraram-se várias vezes. Primeiro em cafés, depois para jantar. Ela era cantora e actuava duas noites por semana num café-concerto de um pequeno teatro, no centro da cidade. Só ela, um pianista e um violoncelista. Ele passou a acompanhá-la e, sentado a uma mesa ao fundo, deliciava-se a ouvi-la e a vê-la. Quando o concerto terminava, ela ia até ele e beijava-o ternamente. Era uma mulher surpreendente, e Gabriel queria, mais do que tudo, deixar-se embriagar pela onda de doçura e de vida daquela mulher.

Não tinham ainda passado três meses e já estavam praticamente a viver juntos. Ela passava quase todas as noites em casa dele, e, antes que Gabriel desse conta, já Alice ocupara um móvel de gavetas e quase metade do roupeiro.

Gabriel deixou de mascar pastilhas e, como se enfrentasse um dragão, decidiu terminar a leitura de *As Neves do Kilimanjaro*, tendo-se identificado com o protagonista, com a sua dor e delírio, mais do que alguma vez lhe acontecera com um livro.

Voltou às aulas na universidade e, pouco a pouco, a vida começou a reencontrar o seu rumo.

As consultas semanais com a doutora Margarida passaram a quinzenais e a medicação foi reduzida para metade.

— Não imagina como estou feliz, Gabriel. Estas recuperações costumam ser muito mais lentas. Com perturbações e recaídas que o Gabriel simplesmente não teve.

— Obrigado, doutora. Sinto-me muito melhor. Mais confiante... a dormir melhor... há mais de um mês que não tenho pesadelos, que não sonho com a Sara, nem com aqueles dias. Está tudo lentamente a evaporar-se...

— Que bom.

A psiquiatra levantou-se e foi sentar-se junto dele.

— A Sara que o Gabriel criou na sua cabeça era o reflexo de si próprio, alguém que precisava de ser salvo... Um surto psicótico não se manifesta de forma aleatória, Gabriel. As alucinações e os delírios têm quase sempre uma ligação directa com a realidade do doente. E isso vai demorar ainda algum tempo a resolver. Peço-lhe que tenha paciência e que não desista do tratamento...

— Às vezes ainda me custa acreditar que nada daquilo aconteceu. Quem sou eu se nem em mim posso confiar? Já viu, doutora, a pior mentira de que alguma vez fui vítima fui eu que a contei a mim próprio.

— Sabe perfeitamente que é muito mais complicado do que isso.

— Sim, eu sei — disse Gabriel. — Não ligue. Hoje estou a ter um daqueles dias...

— Bom, mas o que importa, e aquilo em que se deve agora focar, é que está numa nova página da sua vida. Já conseguiu contar à Alice?

— Sobre a Sara?

— Sobre o seu surto psicótico.

— Não... tenho muito medo de que ela não compreenda... que fique com medo de mim, sei lá. Que pense que sou doido varrido e se vá embora.

— Por aquilo que me conta dela, não acredito que fosse ter essa reacção.

— E depois há outra coisa...

— Diga.

— É uma estupidez...

— O que é, Gabriel?

— Não consigo deixar de sentir, lá no fundo, percebe? Não consigo deixar de sentir que estou a trair a Sara. É uma estupidez, eu sei...

— Não é estupidez nenhuma. O facto de não ter acontecido não faz com que na sua cabeça e no seu coração não tenha sido real.

Foi mesmo o único sítio onde foi real. Dentro de si. O facto de sentir que está a trair esse sentimento só revela a sua boa consciência e carácter, entende? É perfeitamente normal. Dê tempo ao tempo.

A psiquiatra levantou-se e dirigiu-se para um gira-discos antigo. Tirou um vinil da capa de cartão.

— Deite-se. Hoje quero experimentar uma coisa diferente. É uma técnica de relaxamento, que, se gostar, pode usar em casa quando se sentir mais ansioso.

— Preferia falar... — disse Gabriel, desconfortável.

— Não seja tão resistente à novidade. Caramba, não o vou hipnotizar, homem! É uma simples técnica de relaxamento através da música.

Gabriel deitou-se. Uma música de piano saiu pelas colunas.

— Philip Glass. *Metamorfose*. Conhece?

— Nunca ouvi falar.

— É muito bom. Relaxe.

A música criava uma estranha sensação de afundamento.

— Repete muito os mesmos acordes — disse Gabriel, abrindo os olhos.

— Tente não analisar a música ou isto que estamos a fazer. Deixe-se levar, está bem?

Gabriel fechou os olhos e sentiu que o corpo se fundia com as almofadas do sofá.

— Concentre-se no ritmo da música. Imagine-se a caminhar por um corredor infinito com portas de ambos os lados. Caminhe ao ritmo da música. Está a fazer isso, Gabriel?

— Sim, estou.

— Quando lhe disser, vai abrir uma porta e entrar. Quero que encontre a sua mais antiga memória de infância.

A música tornava o ar denso e quente, imbuindo toda a experiência numa sensação difícil de descrever.

— Escolha uma porta agora. Entre.

A memória era a de estar a jogar às escondidas com a irmã mais velha, numa casa de campo que os pais costumavam alugar nos meses de Verão. Conseguia ouvir o riso dela, contagiante de alegria e excitação, e os reflexos do sol no seu cabelo loiro e encaracolado.

— Muito bem, Gabriel. Agora regresse ao corredor. Continue a avançar ao ritmo da música. Escolha outra porta. Vai encontrar uma memória do seu primeiro dia de trabalho na universidade.

Gabriel abriu uma porta. Estava no bar de professores da universidade. Cheirava a torradas e ouvia-se o rumor das dezenas de conversas que aconteciam em paralelo. Ele tinha perdido a pasta com os livros, fichas e o contrato de trabalho, acabado de assinar nessa mesma manhã, e procurava-a, desesperado, por entre as mesas e bancos corridos.

Já tinha verificado em todo o lado. Só faltava procurar ali. Muitos professores olhavam para ele, de soslaio, divertidos. E, de repente, a voz estridente e projectada da tipa gorda do bar que lhe acenava com a pasta na mão: «Está à procura disto, professorzinho?» Era incrível como há anos não pensava nesse episódio. Estava enterado no departamento em que a memória arruma aquelas pequenas humilhações que, não chegando a ter importância para serem traumáticas, incomodam o suficiente para ser necessário abafá-las.

Gabriel franziu o sobrolho, numa expressão de transtorno.

— Já aí esteve tempo suficiente. Volte para o corredor — ordenou a doutora Margarida, suavemente. — Quando lhe disser, quero que escolha outra porta. Lá dentro, vai encontrar a memória da hora que antecedeu o momento em que encontrou a Sara na ponte.

Gabriel contorceu-se no sofá. A música tornava o ar cada vez mais espesso, e ele sentia que tinha de abrir caminho por entre a massa criada pelas notas do piano.

— Agora. Entre.

Gabriel estava no elevador do seu prédio. Tinha passado o dia a ler a tese de doutoramento de um aluno, «Filogeografia de Organismos Costeiros da Europa Ocidental», e não dera pelo tempo passar.

Escurecera havia pouco e ele decidira sair para apanhar ar e comprar alguma coisa para comer. Só aí se dera conta de que ainda estava em jejum. O que não era, na verdade, nada de novo. Era habitual embrenhar-se de tal maneira no trabalho que se esquecia totalmente de comer.

As portas automáticas fecharam-se e ele carregou no botão para o rés do chão. Morava no nono andar, e era uma viagem de menos de um minuto até ao piso térreo.

As portas abriram no sétimo andar para deixar entrar um vizinho, que se tinha mudado há pouco tempo e que lhe deitou um olhar difícil de classificar. O elevador retomou a marcha e, subitamente, a meio da descida, uma espécie de força magnética apoderou-se da caixa metálica, que começou a deslocar-se a uma velocidade lentíssima, como se tivesse encontrado uma enorme resistência, no caminho.

Gabriel sentiu uma pressão absurda nos ouvidos, como se mergulhasse no mar, a centenas de metros de profundidade, sensação que se espalhou rapidamente por todo o corpo, de tal maneira que, por instantes, achou que ia rebentar.

Tudo isto não durou mais de sete segundos. Logo depois, como se nada tivesse acontecido, o elevador retomou a marcha normal. Gabriel saiu atordoado, com os tímpanos a latejar de dor, e vomitou no passeio em frente ao prédio. A rua estava estranhamente deserta.

— Muito bem, Gabriel. Pode abrir os olhos.

— Não, espere! Preciso de mais tempo.

— Acho que já chega por hoje. Respire fundo.

A psiquiatra desligou a música, e Gabriel sentou-se no sofá com a cabeça entre as mãos. Ficaram em silêncio durante um bocado. Lá fora começara a chover.

— Lembrei-me de algo que tinha esquecido completamente, doutora... tinha-se varrido da minha memória, porra — disse Gabriel, finalmente, encarando a psiquiatra. — Tinha-se varrido e é a chave de tudo.

— A chave de tudo?...

— O elevador. Alguma coisa aconteceu naquele elevador. A chave é o elevador!

— Tenha calma, Gabriel, está muito agitado e a dizer coisas sem sentido. Peço-lhe que não se precipite. A interpretação das memórias recolhidas neste tipo de exercício não pode nem deve ser literal. Respire fundo.

Mas ele já não estava ali.

— Tenho de ir. — Gabriel levantou-se e abraçou-a, com vigor. — Obrigado. Obrigado por isto.

Não deu tempo à psiquiatra para reagir àquele inusitado contacto físico e saiu. Foi a correr para casa, sem parar uma única vez, para recuperar o fôlego. Não sabia exactamente porquê ou para quê, mas um grito dentro dele demandava essa urgência. Como se corresse, tentando apanhar a ponta de um cordel, que alguém puxa e que amarra a verdade.

E SE NÃO EXISTISSE APENAS UMA REALIDADE?

Uma história de amor, um vírus mortal, uma mentira avassaladora. Gabriel e Sara conheceram-se e imediatamente se apaixonaram. Viveram uma semana juntos até que Sara desapareceu. E com ela a rua dela, o prédio onde vivia, tudo. Gabriel procura-a, desesperado. Terá sido um sonho? Uma psicose? Estará louco? Todos lhe dizem que sim, mas a verdade é bem mais inacreditável: a realidade onde vive não é a única. Não há um Universo, há multiverso. No mesmo tempo, no mesmo mundo, mas noutra realidade bem mais doentia, está Sara, à espera de Gabriel, que desapareceu.

**Uma distopia viciante, uma história
de amor destruída pelo multiverso.
Para ler sem parar.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



[penguinlivros](#)



[sumadeletrasportugal](#)

ISBN 9789897846021



g 789897 846021 >